

O MOMENTO PRESENTE COMO CATEGORIA FILOSÓFICA: UMA LEITURA A PARTIR DA ESPIRITUALIDADE DE CHIARA LUBICH “O PASSADO SE FOI E O FUTURO AINDA NÃO CHEGOU”

THE PRESENT MOMENT AS A PHILOSOPHICAL CATEGORY: A READING BASED ON THE SPIRITUALITY OF CHIARA LUBICH “THE PAST IS GONE AND THE FUTURE HAS NOT YET ARRIVED”

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-026>

Geraldo Pieroni

Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná / PPGCom-UTP.

Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV).

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5942523122018910>

ORCID: <https://orcid.org/000-0002-1896-8373>

RESUMO

No cenário contemporâneo, marcado pela fusão entre realidade e virtualidade, o tempo parece acelerar incessantemente, enquanto a atenção se dispersa em múltiplas direções. Essa dinâmica impõe desafios profundos à constituição da identidade e à construção de vínculos interpessoais consistentes. Nesse contexto de instabilidade e fragmentação, a experiência do “agora” emerge como um eixo fundamental da existência e da compreensão do mundo. Refletir sobre o sentido de “viver o momento presente” vai além de um apelo moral ou de um ideal abstrato: trata-se de investigar uma forma específica de habitar o tempo, que implica presença, escuta e abertura. É nesse horizonte que se insere o pensamento de Chiara Lubich, cuja proposta espiritual aponta para uma vivência integrada, radicalmente encarnada e transformadora do presente. Em sua perspectiva, o tempo não é apenas um fluxo que escapa, mas o lugar onde a vida se revela em sua densidade mais autêntica.

Palavras-chave: Momento Presente; Espiritualidade; Chiara Lubich.

ABSTRACT

In today's world, marked by the entanglement of reality and virtuality, time seems to accelerate relentlessly, while attention is scattered in multiple directions. This dynamic presents profound challenges to the formation of personal identity and the building of consistent interpersonal relationships. Within this context of instability and fragmentation, the experience of the “now” emerges as a fundamental axis of human existence and of the way we understand the world. Reflecting on the meaning of “living the present moment” goes beyond a moral appeal or an abstract ideal: it is about exploring a specific way of inhabiting time—one that involves presence, attentiveness, and openness. It is within this horizon that the thought of Chiara Lubich, founder of the Focolare Movement, finds its place. Her spiritual proposal emphasizes an integrated, radically embodied, and transformative engagement with the present. In her view, time is not merely a fleeting current, but the very place where life reveals itself in its most authentic depth.

Keywords: Present Moment; Spirituality; Chiara Lubich.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, intensificaram-se as análises que identificam uma crescente aceleração do cotidiano. Essa percepção está associada a um “ritmo cada vez mais rápido de mudanças” (JAMESON, 1993, p. 25), o que gera a sensação de que se vive “num presente perpétuo e numa perpétua mudança” (JAMESON, 1993, p. 43). Nessa linha, François Hartog (2014, p. 31) caracteriza a contemporaneidade como marcada por um novo regime de historicidade o que ele denomina “o presentismo”, no qual o presente se torna o eixo dominante da experiência temporal. O tempo se consome na ação imediata, apressada por uma lógica de constante atualização, resultando em um esvaziamento tanto do passado quanto do futuro (HARTOG, 2014, p. 38).

Esse presente acelerado é intensificado pelas mídias digitais e pelas estruturas da comunicação contemporânea. Segundo Mariavalva Barbosa (2017, p. 20), o tempo mediático transforma cada instante em um “tempo de frenesi que dura continuamente”, instaurando “um tempo novo governado pela lógica do ininterrupto” (BARBOSA, 2017, p. 21). O excesso de estímulos, a fragmentação da atenção e a compressão do tempo tornam a experiência mais instável e ansiosa.

Byung-Chul Han (2016) analisa essa velocidade angustiante como um sintoma da sociedade do desempenho, em que o sujeito, sobrecarregado pela exigência de produtividade constante, se vê imerso num tempo atomizado, sem pausas nem respiros: “A aceleração não é apenas um aumento da velocidade, mas uma alteração na própria estrutura temporal da vida” (HAN, 2016, p. 18). O resultado é um colapso do tempo de interiorização, substituído por um tempo operacional, voltado à eficiência, o que enfraquece a capacidade de experiência e aprofundamento.

Zygmunt Bauman (2007), por sua vez, descreve a modernidade tardia como líquida marcada por uma fluidez generalizada que afeta instituições, relações e a própria experiência do tempo. O presente torna-se volátil, instável e desprovido de durabilidade. Nesse cenário, o futuro perde sua função orientadora e o passado se dissolve em um arquivo indiferenciado: “A modernidade líquida, o tempo escorre não há retenção, apenas fluxo” (BAUMAN, 2007, p. 115).

Diante desse panorama, coloca-se uma questão essencial: afinal, o que é o tempo? Norbert Elias (1998, p. 14) pondera se o tempo deve ser considerado um dado natural ou uma construção cultural. Para ele é uma instituição social, historicamente constituída. O indivíduo aprende, desde cedo, a interpretar os sinais temporais de sua cultura e a orientar sua conduta a partir deles. Assim, a forma como cada pessoa compreende o tempo depende do nível de desenvolvimento das instituições que o regulam e das experiências vividas (ELIAS, 1998, p. 15).

Nesse cenário inconstante e disperso, a experiência do “agora” ganha um valor essencial, tanto para o modo como existimos quanto para o modo como conhecemos. Pensar sobre o que significa “viver o momento presente” vai além de um simples conselho moral ou de um ideal distante; trata-se, na verdade,



de um caminho possível para nos reconectarmos com as muitas dimensões da vida humana: interior, afetiva, ética, social e espiritual.

Este estudo investiga o valor da presença como atenção plena ao instante vivido, argumentando que o tempo, quando acolhido em sua totalidade, pode se tornar um espaço de escuta, encontro e entrega ao real não como mera realidade objetiva, mas como a manifestação profunda do presente, onde se revela o sentido integral da existência em suas múltiplas dimensões.

Com base nessa perspectiva do tempo ressignificado, propõe-se uma leitura atenta do pensamento de Chiara Lubich, alinhada à compreensão de que o significado não é algo previamente dado, mas se desvela na abertura ao outro e na escuta tanto do sentido quanto do mundo. Essa visão dialoga com a reflexão de Gadamer, para quem “a fusão de horizontes” entre passado e presente constitui o próprio processo da compreensão (GADAMER, 1999, p. 312). Tal escuta se prolonga também no cotidiano vivido, onde, segundo Michel de Certeau, o sentido é continuamente recriado nas práticas ordinárias, por meio de deslocamentos, resistências e apropriações que tornam cada vida um gesto singular de habitar o mundo (CERTEAU, 1994, p. 40). Esse “habitar” para Lubich é presença suprema, ela “usava frequentemente as palavras ‘hoje’, ‘presente’, ‘atualidade’ [...] *luogo sommo* da manifestação de Deus na História” (ZANZUCCHI, 2013, Esperienze 51).

Chiara Lubich propõe a vivência do momento presente como lugar privilegiado da manifestação de Deus e da revelação de sentido para a existência. Para aprofundar essa perspectiva, analisaremos um pronunciamento transmitido por teleconferência mundial em 23 de outubro de 2003. É uma mensagem breve, clara e acessível, que condensa uma espiritualidade intensa, enraizada na experiência cotidiana. A partir dessa premissa, este artigo busca oferecer uma leitura mais sensível da contemporaneidade, orientada para a atenção plena ao presente e para a construção de vínculos significativos, especialmente diante das exigências, fragilidades e incertezas que marcam o nosso tempo¹.

Antes de imergirmos no pensamento de Lubich, partiremos de um aforismo que, embora não lhe seja atribuído, revela uma concepção rica e multifacetada do tempo e da significação. Esse enunciado serve como ponto inaugural para a reflexão sobre as diversas ressonâncias presentes na dimensão do “momento presente”:

“As coisas mais belas chegam sozinhas, quando você menos espera. Não vá procurá-las: elas sabem onde te encontrar. O melhor não é amanhã. O melhor... já está acontecendo.”

Essa frase delineia uma concepção do tempo que rompe com a lógica moderna de controle, produtividade e adiamento. O belo que “chega sozinho” não é resultado de uma busca compulsiva, mas

¹LUBICH, 23 de outubro de 2003. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt-pt/viver-bem-cada-momento-presente/>. Acesso em: 2 agosto, 2025.

fruto de uma atenção disponível ao instante, uma escuta do real em sua imprevisibilidade. Como afirma Paul Ricoeur, “a interpretação só pode nascer do desejo de compreender, e este desejo é inseparável do desejo de viver” (RICOEUR, 1990, p. 25). A beleza, nesse horizonte, não se submete ao cálculo, mas irrompe como epifania – um lampejo que transfigura tanto a experiência quanto sua narração. O imperativo “não vá procurá-las” não elimina o desejo, mas indica a necessidade de uma reeducação da percepção: trata-se de buscar, sim, porém sem a pretensão de domínio. As “coisas belas” escapam à racionalidade da eficiência; elas se insinuam no ordinário e requerem uma disposição interior afinada com o imprevisível. A continuidade da frase – “elas sabem onde te encontrar” – alude a uma ética da escuta, a uma confiança no vir a ser, no advento do que ainda não é, mas já se anuncia. Viver o tempo com fé não implica a negação do futuro, mas sua integração simbólica à promessa que o presente já contém em germe.

Como observa Ricoeur, “é sempre no presente que se decide o sentido do futuro e do passado” (RICOEUR, 1997, p. 214). Chiara Lubich afirma com precisão teológica e existencial: “O momento presente é o lugar onde Deus já se revela, mesmo que a plenitude ainda esteja por vir” (LUBICH, 1986, p. 45). Essa atitude rompe com a temporalidade funcional da modernidade e acolhe o tempo como dom. Como propõe Buber (2007), no verdadeiro encontro a relação “eu-tu”, o outro não é capturado, mas acolhido como presença. A beleza que “chega sozinha” é como esse “tu” que nos surpreende, transforma e vai além do que esperávamos. Jean-Luc Marion (2005) aprofunda essa intuição como uma manifestação tão intensa e inesperada que ultrapassa nossa capacidade de compreender totalmente, e que só pode ser acolhida por quem está aberto à graça. A frase final: “o melhor... já está acontecendo” rompe de forma contundente a postergação e traz uma inversão radical: o tempo da plenitude não está no futuro distante, mas se dá aqui e agora, no instante vivido.

Em uma época atravessada pela dispersão, pela hiperconectividade e pela aceleração contínua, habitar o presente torna-se não apenas um gesto de resistência, mas um retorno ao que é essencial, ao que escapa à lógica da produtividade e do adiamento. Michel Serres (2013) adverte que as novas tecnologias suprimiram as pausas naturais, comprimindo o tempo e criando uma urgência artificial que esvazia a experiência do instante. Diante disso, viver intensamente o momento presente emerge como uma prática contra corrente cultural, uma forma de atenção que resgata o valor do autêntico, do palpável. Como afirma Simone Weil, “a atenção pura, dirigida a algo autêntico, é oração” (WEIL, 2002). A presença, assim compreendida, não é apenas um exercício ético ou uma disposição interior: ela é ato de fé, mas também fonte originária de sentido é nela que o vivido se revela como dom e como verdade. No pensamento de Chiara Lubich, o presente é elevado a espaço de revelação, pertença e transformação. Sua proposta articula tempo e espiritualidade de forma indissociável, tornando o cotidiano lugar de santidade e comunhão.

A metáfora da constelação, em Walter Benjamin, ajuda a compreender essa visão: o tempo não é linha contínua, mas pode ser interrompido por instantes repletos de significados, “agoras” redentores. O

tempo presente, para Lubich, é esse ponto luminoso onde graça, relação e ação convergem, abrindo caminho para uma vida reconciliada com o divino e com o humano: “Uma constelação é um relâmpago de visão, que interliga momentos que não se situam em sequência cronológica, mas que, através da associação, ganham um sentido novo e revelador.” (BENJAMIN, 1994, p. 467). Não se trata, entretanto, de algo abstrato ou distante: cada uma dessas “estrelas” que compõem a constelação revela trajetórias concretas e vivenciais, práticas acessíveis no cotidiano, formas tangíveis de viver o tempo com presença, atenção e entrega. A luz emanada dessa constelação não apenas ilumina o pensamento e a alma, mas também orienta a ação, transformando o instante no espaço onde a plenitude possível se torna alcançável.

2 O PRESENTE VIVIDO COMO LUGAR DA GRAÇA E DA CONSAGRAÇÃO COTIDIANA

Em Chiara Lubich, viver cada instante como um “ato de amor” significa transfigurar o cotidiano em um campo sagrado por meio da oferta contínua de si. Sua espiritualidade é atravessada por uma confiança radical na presença de Deus, que se manifesta no tempo vivido, na relação, no silêncio ou no encontro. Quando afirma que “vivendo o momento presente nós temos uma graça atual” (LUBICH, 2003), ela retoma uma noção clássica da teologia cristã: a de que a graça atual é uma intervenção de Deus no tempo, um impulso sutil e gratuito que move o coração ao bem, não por esforço isolado, mas por pura iniciativa divina. Viver o presente torna-se uma forma de atenção ao invisível, como escreve Simone Weil (1999, p. 73), pois é nesse “agora” que o divino se oferece. Lubich não propõe inércia, mas uma escuta viva e vigilante, um estar plenamente no instante não para dominá-lo, mas para acolhê-lo como dom. Essa atitude encontra ressonância na filosofia de Jean-Luc Marion (2005), para quem o fenômeno da graça excede toda antecipação e se revela como dádiva que escapa à apropriação do sujeito. Acolher o instante como espaço da graça atual é reconhecer que o tempo não é mera sucessão de segundos, mas pode tornar-se evento pascal: passagem do banal ao luminoso, manifestação da eternidade. É o que também intui Romano Guardini ao afirmar que “o tempo é lugar da presença e da ação de Deus” (GUARDINI, 2007), e que viver liturgicamente o cotidiano significa estar disponível ao mistério que irrompe nos pequenos gestos. Lubich introduz, assim, uma teologia do tempo como morada da Trindade, em que o instante acolhido com amor se torna já oração.

“Damos o devido lugar às ações que devemos realizar, sem querer antecipá-las quando são agradáveis e sem adiá-las, caso sejam difíceis, pois muitas vezes acontece assim” (LUBICH, 2003).

A frase revela com clareza a centralidade da atenção ao presente como possibilidade de discernimento e fidelidade. O chamado é à atenção dócil ao tempo de cada coisa, sem o nervosismo de apressar o que nos agrada nem a fuga diante do que nos desafia. Trata-se de viver com inteireza e generosidade cada momento como resposta ao Amor divino, fazendo de cada ato por menor que seja, uma



forma de perene oração. Oferecer a Jesus as nossas ações com um “por Ti”, formato de oração que não depende de fórmulas nem de muitas palavras, mas brota da espontaneidade dos gestos de amor a Deus e ao próximo. É abandono, mas não alienação; é entrega, mas não passividade. Como escreve a própria Lubich:

“Repetíamos aquele ‘por Ti’ a cada instante do dia. [...] Era uma oração contínua que santificava tudo: os trabalhos, os sorrisos, os sofrimentos, as fadigas” (LUBICH, 2003).

3 PERSEVERAR, VIGIAR E AMAR NO MOMENTO PRESENTE

A vivência espiritual do momento presente é mais do que uma prática religiosa convencional: é um caminho que transforma o sujeito em sua inteireza. Perseverar no agora não é resignar-se, mas cultivar virtudes como paciência, prontidão e coragem, frutos da fidelidade cotidiana orientada por um sentido maior.

“vivendo assim, quando nos encontramos diante das tentações, nos sentimos capazes de nos defender com maior rapidez do que antes” (LUBICH, 2003).

O momento presente, quando vivido na consciência da presença de Deus, atua como um fortalecimento espiritual que aguça a nossa prontidão interior. Essa presença contínua torna-nos mais atentos e resilientes, permitindo que, ao enfrentarmos dificuldades e impulsos, possamos reagir com maior rapidez e firmeza do que antes, pois estamos ancorados em uma força transcendente que nos sustenta e guia. Essa prontidão não nasce de mandatos exteriores, mas de uma vigilância interior: uma atenção lúcida ao instante vivido que incentiva o caminhar avante:

“às vezes, diante de dificuldades insuperáveis, pode surgir a tentação de não se dirigir nem sequer a Deus. A lógica humana sugere que não vale a pena, pois é inútil. Eis então a exortação de Jesus a não desanimar e a se dirigir a Deus com muita confiança. Ele, de um modo ou de outro, haverá de atender” (LUBICH, 2010).

Lubich enfatiza a centralidade do presente como o realidade vital da experiência espiritual e da ação concreta. Para ela, o momento presente não é apenas um intervalo temporal, mas o único tempo verdadeiramente disponível para o encontro com Deus e para a realização de sua vontade. Nesse sentido, Lubich afirma:

“O momento presente é o mais precioso, porque é o único que temos à disposição para amar a Deus, para realizar a sua vontade, para viver a sua Palavra. [...] É o único tempo real.” (LUBICH, 2003, p. 44).

A espiritualidade do presente confronta diretamente a lógica moderna do adiamento. Em vez do promissor e sempre postergado “seremos felizes quando...”, ela afirma a possibilidade de plenitude já no agora, na densidade do instante vivido. É uma convocação à presença total que propõe sentido no tempo

Contribuições Multidisciplinares Para o Conhecimento Atual



que pulsa. O futuro não é negado, mas acolhido como promessa que se revela na escuta e na entrega. Como destaca Ricoeur, “é sempre no presente que se decide o sentido do futuro e do passado” (RICOEUR, 1997, p. 214). E Lubich reitera: “Deus não nos dá a graça para o que virá, mas para viver bem o presente” (LUBICH, 2004, p. 45). Viver o agora, portanto, é também um exercício de liberdade, que não nega os limites da realidade como saúde, idade, preocupações, mas os integra como parte de um processo de confiança. A pergunta “Como será?” deixa de ser paralisante e torna-se uma abertura aos planos de Deus, descobertos passo a passo.

A vigilância, nessa perspectiva, é expressão do amor. “A vigilância é própria do amor. Vigia bem quem ama” (LUBICH, 2004). Trata-se de uma atenção sensível ao sopro do Espírito no trivial da cotidianidade. Mais do que uma atitude moralista, é disposição de perseverar no amor: “Permanecei no meu amor” (Jo 15,9). Para Hans Urs von Balthasar (2000), “Deus espera uma resposta vigilante, mas essa resposta já está contida na própria doação do amor divino” (p. 67).

Jean-Luc Marion (2001) a compreende como atitude fenomenológica: “O dom exige uma atenção que precede o reconhecimento. Ser vigilante é tornar-se capaz de acolher o que me ultrapassa” (p. 139). Perseverar, vigiar e amar no presente é, assim, uma via de transformação interior e abertura radical ao dom, onde graça e liberdade se entrelaçam.

4 O DOM DO INSTANTE: VIVER O TEMPO COMO ESPAÇO DE COMUNHÃO

Chiara Lubich destaca a dimensão relacional do momento presente como caminho de comunhão concreta:

“Do nosso coração brotam palavras espontâneas de encorajamento [...] Conseguimos reconhecer Jesus neles com maior frequência [...] nossa caridade, crescendo [...] nos garante uma maior profundidade também na nossa união com Deus” (LUBICH, 2003).

Essa espiritualidade do encontro revela que a comunhão não é conceito abstrato, mas prática viva no cotidiano. Amar o próximo, reconhecendo nele a presença de Jesus, torna-se expressão concreta de uma liturgia da vida. Como afirma a Escritura: “Se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é perfeito em nós” (1Jo 4,12). Essa “perfeição” não ignora a fragilidade, mas nela opera. Lubich propõe uma pedagogia da esperança, em que recomeçar sempre é sinal de liberdade espiritual e fidelidade ao instante. O recomeço não é fracasso, mas abertura à graça que atua mesmo na imperfeição. A espiritualidade do presente transforma o tempo em extensão de clemência, e cada gesto ainda que simples, adquire valor eterno. Lubich expressa:



“Temos que reconhecer que [...] caridade mútua sofria oscilações; é verdade que procurávamos recomençar sempre [...] Tendo-nos tornado mais perfeitos nas pequenas coisas, sabemos realizar de modo melhor também as grandes [...] se podemos constatar tudo isso [...] então podemos concluir que estamos no caminho certo” (LUBICH, 2003).

A fidelidade encarnada ao agora encontra eco em autores como Von Balthasar, para quem a santidade nasce da disponibilidade amorosa ao presente. Jean Corbon chamava a liturgia de “hoje de Deus”, e Tomáš Halík propõe uma “espiritualidade do entre”, vivida nas mediações entre sujeitos, culturas e experiências. Halík observa: “A fé se realiza [...] no espaço entre as pessoas, entre culturas, entre o sagrado e o profano, entre a dúvida e a certeza” (HALÍK, 2021, p. 29). Lubich, portanto, oferece uma espiritualidade relacional, enraizada na alteridade e na reciprocidade. O amor a Deus se encarna no cuidado aos vulneráveis, como aponta o Evangelho: “Tive fome, e me destes de comer [...]” (Mt 25,35-36). Viver o presente, assim, é celebrar o sagrado no cotidiano, em uma verdadeira liturgia do comum, onde a misericórdia torna-se critério de comunhão e transformação.

5 A PRESENÇA COMO SENTIDO: DESAFIO DE VIVER O AGORA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O percurso de Chiara, enraizado na tradição cristã, transcende barreiras religiosas ao propor uma cultura de comunhão baseada no amor recíproco (Jo 13,34) e na regra de ouro: “Fazei aos outros aquilo que gostaríeis que vos fosse feito”. Trata-se de uma proposta que se traduz em cuidado mútuo, corresponsabilidade e escuta atenta.

No contexto atual marcado pela fratura da experiência, da impaciência digital e da crise de sentido, essa escuta do mistério propõe o momento presente como lugar teológico e existencial. Lubich resgata o valor do instante contrapondo-se à lógica da “dromocracia”, conceito de Paul Virilio (1993), onde a velocidade substitui o conteúdo e a profundidade. Em uma sociedade marcada pela superficialidade e pela hiperconexão constante, a espiritualidade tende a se dissolver em vivências efêmeras e sensações passageiras, obscurecendo o fundamento essencial de que Deus não é uma ideia abstrata ou distante, mas uma presença viva, operante e transformadora no núcleo mais profundo do ser: “Deus está presente. Ele é Amor. E o seu amor nos envolve, nos penetra, nos transforma, se o acolhermos” (LUBICH, 2000, p. 45).

Nesse horizonte, Chiara propõe uma presença íntegra, enraizada na acolhida do instante como tempo pleno, carregado de densidade ontológica e decisiva. O presente não é concebido como simples sucessão cronológica, mas como dimensão qualitativa de sentido e realização. Como observa Paul Ricoeur (1990), é na tessitura narrativa do presente que se consolidam vínculos éticos e identidades coletivas duráveis. Trata-se do *ho nyn kairos* paulino: “E isto digo a vós outros que conheceis o tempo: é já hora de despertardes do sono, porque a nossa salvação está agora (*nyn*) mais próxima do que quando no princípio cremos”



(Romanos 13,11). Em sintonia com essa percepção, Giorgio Agamben interpreta o tempo messiânico não como outro tempo, mas como uma “transformação qualitativa do tempo” (AGAMBEN, 2000, p. 75).

Lubich compreende o presente como um tempo pleno repleto de sentido e de exigência, onde a escuta e a decisão tornam-se atos fundamentais de reconciliação entre eternidade e história. A experiência do sagrado une contemplação e ação, articulando o sacramento com o cotidiano, o silêncio com o engajamento. Viver o momento presente, em sua proposta, não se reduz somente a uma atitude subjetiva, mas se desdobra em transformação social concreta. As iniciativas do Movimento dos Focolares, fundado por Lubich, evidenciam essa dimensão prática ao promover ações em áreas como educação, saúde, exclusão, economia de comunhão, reconciliação em zonas de conflito e diálogo inter-religioso.

“Todos os grandes mestres da vida espiritual recomendam que vivamos bem o momento presente. É vivendo o momento presente que podemos cumprir bem todos os nossos deveres. É vivendo o momento presente que as cruzes se tornam suportáveis. É vivendo o momento presente que entendemos as inspirações de Deus. O passado se foi e o futuro ainda não chegou. Portanto, só uma coisa conta: o que somos e o que fazemos neste momento” (LUBICH, 1986).²

Essa postura convida a uma reinterpretação da cronologia: a espera se torna abertura, e o instante deixa de ser apenas um recorte do tempo para tornar-se o *domus mea* = minha casa onde o eterno toca o real. O agora é plenitude e oferta, escuta, cuidado e presença que se entrelaçam em uma mística profundamente encarnada. A força da proposta de Lubich está em devolver sentido ao presente, retirando-o da marginalidade temporal em que muitas vezes é relegado. Sua espiritualidade não oferece soluções mágicas ou consolos rápidos, mas convoca à presença atenta, à doação livre e à comunhão verdadeira. O instante vivido com profundidade se transforma em lugar de revelação, não pelo controle do tempo, mas pela adesão confiante àquilo que já está em curso, já está acontecendo. O presente, assim, deixa de ser um entretempo e se torna o solo fértil onde o humano encontra o divino. É na fidelidade ao agora que a vida se revela em sua radicalidade mais luminosa.

² (Rocca di Papa, 23 de outubro de 1986. Publicado em: LUBICH, Chiara. Conversazioni in collegamento telefonico. A cura di Michel Vandeleeene. Roma: Città Nuova Editrice, 2019. p. 258. Coleção Opere di Chiara Lubich, vol. 8/1.)



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos. Tradução de Selvino J. Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução: J. Oliveira Santos. São Paulo: Paulus, 1997.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução: Mário da Gama Kury. São Paulo: Abril Cultural, 2004.
- BALTHASAR, Hans Urs von. O coração do mundo. São Paulo: Paulus, 2000.
- BALTHASAR, Hans Urs von. Teodrama: a ação da salvação. São Paulo: Paulus, 1988.
- BARBOSA, Mariavalva. Tempo, tempo histórico e tempo mediático. In: MUSSE, Cristiano José; VARGAS, Jonatas; NICOLAU, Márcio (org.). Comunicação, mídias e temporalidades. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 17–27.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Illuminations. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Escritos sobre arte e linguagem. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: Illuminations. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Iluminações. Tradução: João Cruz e outros. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: Magia e técnica, arte e política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BÍBLIA. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 2001.
- BOFF, Leonardo. Espiritualidade: um caminho de transformação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. São Paulo: Vozes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HADOT, Pierre. Exercícios espirituais e filosofia antiga. Tradução: Maria do Carmo Zanini. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HADOT, Pierre. Filosofia como modo de vida. São Paulo: Loyola, 1995.



HALÍK, Tomáš. O tempo das fendas: Deus em um mundo ferido. Tradução de Luiz Carlos Susin. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte de demorar-se nas coisas. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2016.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andrés Forgách. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1993.

JOÃO PAULO II. Teologia do corpo: catequeses sobre o amor humano. Tradução: Lúcia Pedrosa do Amaral. São Paulo: Paulinas, 2005.

KABAT-ZINN, Jon. Full catastrophe living: using the wisdom of your body and mind to face stress, pain, and illness. New York: Delta Trade Paperbacks, 2003.

KABAT-ZINN, Jon. Viver com atenção plena: a meditação como caminho para a liberação do sofrimento. Tradução de Maria José Hübner. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

LUBICH, Chiara. Conversazioni in collegamento telefonico – 23/10/2003. Roma: Città Nuova, 2019.

LUBICH, Chiara. A arte de amar. São Paulo: Cidade Nova, 2003.

LUBICH, Chiara. Meditações. São Paulo: Cidade Nova, 1986.

LUBICH, Chiara. Meditações. Tradução de Lílían de Paula. São Paulo: Cidade Nova, 2004.

LUBICH, Chiara. O Espírito Santo alma da Igreja. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

LUBICH, Chiara. Palavra de Vida: comentários mensais 1977–2000. São Paulo: Cidade Nova, 2019.

LUBICH, Chiara. Palavra de Vida – março de 2010. (publicação mensal do Movimento dos Focolares).

LUBICH, Chiara. Deus Amor. São Paulo: Cidade Nova, 2000.

MARCEL, Gabriel. O mistério do ser. São Paulo: Perspectiva, 1950.

MARCEL, Gabriel. O ser e o ter. São Paulo: Centauro, 1950.

MARION, Jean-Luc. Étant donné: essai d'une phénoménologie de la donation. Paris: PUF, 2001.

RICOEUR, Paul. Le temps raconté. Paris: Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. Soi-même comme un autre. Paris: Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Tradução de Maria Lúcia Machado. 3 v. Campinas: Papirus, 1994-1997.

Contribuições Multidisciplinares Para o Conhecimento Atual

O MOMENTO PRESENTE COMO CATEGORIA FILOSÓFICA: UMA LEITURA A PARTIR DA ESPIRITUALIDADE DE CHIARA LUBICH “O PASSADO SE FOI E O FUTURO AINDA NÃO CHEGOU”



SELTZER, Robert. Kairos e Chronos: concepções do tempo no pensamento grego. *Revista de Filosofia Antiga*, v. 7, p. 45–67, 2016.

SERRES, Michel. Polegarzinha. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPEYR, Adrienne von. A Paixão segundo São João. Petrópolis: Vozes, 2003.

TERESA DE LISIEUX, Santa. História de uma alma. São Paulo: Paulus, 1996.

VATTIMO, Gianni. A era secular. São Paulo: Loyola, 2007.

VIRILIO, Paul. Velocidade e política: ensaio de dromologia. Tradução de Antônio L. Alcântara. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

ZANZUCCHI, Michele (a cura). Collana Verso l'unità. Esperienze 51. Roma: Città Nuova, 2013.